

O SISTEMA FINANCEIRO: ACELERAÇÃO DOS RITMOS ECONÔMICOS E INTEGRAÇÃO TERRITORIAL

Leila Christina Dias
Deptº de Geografia - IGEO/UFRJ

A organização territorial brasileira apresentou, ao longo dos últimos anos, uma nova dinâmica ligada ao processo de modernização pelo qual passou o país. O aparecimento de novas estratégias técnicas e econômicas - financeiras e industriais - engendrou uma remodelagem do território sem a qual elas não poderiam se desenvolver totalmente.

Todas essas estratégias, que se encontram, se combinam ou se defrontam, manipulam a mesma matéria dotada de energia motriz - a informação - e vê o desenhar e regular os fluxos. As forças e os interesses que lhes dá o origem - Estado, empresas públicas e privadas - encontraram nas redes de informação o instrumento incomparável de controle e 'vigilância' das unidades territoriais e econômicas.

A utilização que os diferentes atores econômicos fazem das novas redes não tem a mesma amplitude - o setor financeiro é de longe o maior usuário. Ora, ao reduzir o tempo de circulação da informação, os grandes bancos visam, antes de tudo, unir seus estalões de tempo nos estalões da economia nacional, e mesmo internacional, beneficiando-se assim das escalas gerais de produtividade, de circulação e de troca.

No Brasil, o crescimento acelerado nos anos cinquenta ajustou-se a um sistema financeiro no qual dominavam ainda formas de crédito e de financiamento do início do século: os bancos e os grandes comerciantes asseguravam o funcionamento dos mercados de crédito locais ou regionais. A decalagem entre a expansão industrial e a permanência de velhas formas de financiamento não poderia ser longamente tolerada; uma reforma financeira seguiu de perto ao golpe de 1964.

Desde então, o sistema financeiro permitiu uma maior mobilidade de recursos, e os bancos, sempre muito circunspectos em matéria de investimentos, privilegiaram os setores econômicos mais rentáveis e os mais competitivos nos mercados nacional e internacional. No Brasil, como em outros lugares, o poder dos bancos aumentou de maneira impressionante.

A importância crescente do setor financeiro e a utilização maciça que ele faz das novas redes de telecomunicações serão aqui analisadas através da história de um banco, o Brasileiro de Descontos S.A. - BRADESCO. De um pequeno banco de ação regional, o BRADESCO tornou-se o maior banco privado comercial do país, hoje presente no conjunto do território brasileiro.

A REDE BANCÁRIA REGIONAL

A fundação do BRADESCO em Marília - cidade do interior do Estado de São Paulo - remonta é 1943¹. Situada no ponto extremo da estrada de ferro, Marília era o centro de uma vasta zona de produção agrícola, cujo principal recurso era o café. Multiplicando os investimentos - com prioridade para as zonas agrícolas, o BRADESCO conquista o Estado de São Paulo e o norte do Paraná (Fig. 1).

A partir dessa base regional, onde a cidade e o Estado de São Paulo tem uma posição essencial, o BRADESCO se instala nos anos cinquenta nos Estados vizinhos: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. A rede de agências em 1960 (Fig. 2) É reveladora de uma etapa do processo de unificação do mercado nacional: a integração das zonas agrícolas e industriais localizadas no Estado de São Paulo e nos Estados vizinhos é comandada pela aglomeração paulista.

A cobertura espacial do BRADESCO acompanha assim uma nova fase da economia brasileira, que começa a se voltar para a indústria numa conjuntura de expansão entre 1956 e 1961. Contudo, a passagem da rede regional e rede nacional exigiu a implementação de novas formas econômicas e jurídicas. Formas que vão, em seguida, requerer o emprego de novos instrumentos técnicos, sem os quais elas não poderiam se desenvolver plenamente.

A REDE BANCÁRIA NACIONAL

a) A reforma financeira

As medidas econômicas tomadas pelo governo militar tinham por objetivo a modernização do sistema financeiro, sua racionalização, sua flexibilidade e sua eficácia. Elas engendraram uma concentração bancária, como testemunham a redução do número de sedes de estabelecimentos e o aumento da participação relativa de alguns bancos nos depósitos, empréstimos e patrimônio líquido do sistema bancário comercial. A esta redução correspondeu um crescimento mais lento do número de agências (Tabela 1). Entre 1961 e 1971, o número de sedes passa de 333 à 145 (ou seja uma diminuição de mais da metade), enquanto a duplicação do número de agências vai demandar quinze anos (1971 à 1985).

Tabela 1: Evolução do número de sedes e de agências dos bancos comerciais no Brasil, 1941-1985.

ANOS	SEDES	AGÊNCIAS	AGÊNCIAS POR SEDE
1941	512	1134	2,2
1952	408	2619	6,4
1961	333	5247	15,7
1971	145	7679	52,9
1985	90	15070	167,4

Fonte: R.L. CORREA, Concentração bancária e os centros de gestão do território, *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 51, nº 2, 1989, p. 18.

A reforma financeira merece ser analisada com maior detalhe, pois seu objeto é mais do que uma simples reforma bancária; ela é reveladora de uma via 'brasileira' de conquista pioneira e de integração do território.

Em 1967, regras são impostas a fim de evitar a expansão descontrolada do número de sedes e de agências. Assim, a abertura de novas agências deve obedecer principalmente ao critério de capital mínimo - este sendo determinado em função da localização geográfica e da categoria da agência². Entre 1970 e 1977 são até mesmo suspensas as concessões de novas cartas-patente. Todavia, a criação de agências 'pioneiras' é encorajada. Por exemplo, o fechamento de uma agência de primeira categoria dá lugar à abertura de 4 agências pioneiras; o fechamento de uma agência de quarta categoria dá ainda direito à abertura de 2 agências pioneiras. A expansão dos bancos só pode ser realizada através das fusões e das incorporações, e pela abertura desse tipo de agência: entre 1964 e 1974 foram realizadas 205 incorporações e 15 fusões.

A criação dos programas governamentais de subsídios à produção agrícola e à exportação, bem como a política de captação dos recursos externos nos anos setenta, beneficiaram essencialmente aos grandes bancos. Eles passaram rapidamente a financiar os mercados de exportação e de importação e a desempenhar um papel de intermediário entre os bancos estrangeiros e o setor público. Suas atividades no mercado internacional permitiu-lhes atrair os fundos que serviriam ao financiamento dos grandes projetos de infra-estrutura.

Instrumento privilegiado do Estado no processo de internacionalização da economia brasileira, o banco foi igualmente um ator de primeira grandeza no mecanismo e processo de integração territorial. Assim, em 1972 já se esboça a rede bancária nacional. O BRADESCO está presente em quase todos os Estados da Federação (Fig. 3). No entanto, grandes eixos de expansão podem ser identificados: a) o Estado de São Paulo, a capital e igualmente a região de Campinas e o Vale do Paraíba; b) a cidade do Rio de Janeiro, segundo mercado financeiro do país, onde estão instaladas as sedes das seguradoras e das sociedades financeiras e de investimentos, mas igualmente as sedes das grandes empresas estatais; c) os Estados do sul, onde a multiplicação espetacular das agências desde 1960 foi efetuada a partir da incorporação dos bancos locais do Rio Grande do Sul (em 1967) e de Santa Catarina (em 1968) - o banco se instala em cidades onde a atividade industrial é bastante importante, como Blumenau e Porto Alegre, mas também nas regiões de pecuária que abastecem os mercados interno e externo (por ex.: Uruguaiana); d) o oeste do país, seguindo precisamente o traçado da rodovia Belém-Brasília no centro de uma zona agrícola; e) o Nordeste onde, salvo nos Estados da Bahia e do Ceará, as agências só existem nas capitais.

Com a centralização financeira os atores se multiplicam: o banco trabalha então para todas as empresas do grupo - seguradoras, sociedades de investimentos, de crédito imobiliário, de turismo, etc.. Essa multiplicidade de tarefas ocasiona a circulação de uma massa considerável de documentos entre as agências e a sede social. Nessa dinâmica existe um escalão intermediário entre a sede e as agências, a saber os 'sub-centros' de serviço. Cada sub-centro serve a várias agências e sua localização é função das distâncias e das facilidades de comunicação com a sede. Todas as noites, a sede trata os documentos relativos aos sub-centros e envia na manhã seguinte as listagens, por carro ou por avião. Nessa organização fortemente centralizada e hierarquizada, a implantação das agências vai evidentemente depender da existência de meios de transporte eficientes. Pode-se facilmente imaginar a complexidade e a vulnerabilidade de uma tal organização do trabalho ao longo dos anos setenta. O texto a seguir é uma perfeita ilustração:

"Alguns meses atrás, a queda de um carro-forte a serviço de um banco comercial nas águas do rio Tietê, em São Paulo, desencadeou uma verdadeira operação de guerra. A

polícia logo isolou a área, iniciando um congestionamento total do trânsito nas imediações. O Corpo de Bombeiros, convocado às ressas, levou dezenas de homens ao local munidos dos mais diferentes tipos de equipamentos de resgate. Dragas a serviço da prefeitura, estacionadas próximo ao acidente, também foram deslocadas para ajudar na operação. Homens-rãs, vestindo roupas especiais por causa da alta poluição das águas, foram trazidos ao local de helicóptero. Não foi a existência de vítimas a razão principal de tal mobilização. Nem mesmo a necessidade de resgatar às águas do rio alguma soma alta de dinheiro. Procurava-se reaver documentos sem nenhum valor comercial recolhidos depois do expediente nas agências centrais do banco, em São Paulo, em trânsito, para serem processados. Sem eles, não haveria, na manhã seguinte, listagem para os caixas do banco, em todo o país, trabalhar normalmente. A alternativa seria a direção do banco, para não interromper temporariamente suas atividades, determinar o uso das listagens do dia anterior, arriscando-se a pagar cheques sem cobertura"³.

b) O lugar da teleinformática

Para enfrentar o crescimento do volume de informações a tratar e a difundir, os investimentos se aceleram no domínio da teleinformática. É pela demanda dos bancos que são instalados circuitos nacionais e internacionais de comunicação de dados: criação da rede TRANSDATA e extensão da rede de transmissão de dados da 'Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunications' (SWIFT) ao Brasil.

Paralelamente os bancos, de usuários de telecomunicações⁴ e de informática vão rapidamente tornar-se produtores. Tal é o caso do BRADESCO. Após ser obtido, em 1981, uma participação minoritária na DIGILAB (firma de produção eletrônica), o BRADESCO adquire a totalidade do capital em 1983 - ponto de partida de uma política de investimentos maciços nas empresas de equipamentos de informática e de telecomunicações.

Desde 1988, a produção da DIGILAB não se limita mais às necessidades da rede BRADESCO; tendo conquistado novos mercados, doravante ela ocupa o segundo lugar entre as indústrias informáticas. Certamente, fusões e associações obedecem a uma tendência mundial à concentração industrial nesse setor. Aqui, todavia, o papel dirigente dos bancos parece ser uma característica desse processo.

Os investimentos nos anos oitenta desembocam numa arquitetura unificada da rede teleinformática, geralmente conhecida sob a designação SNA ('System Network Architecture'). A rede conta com um Centro de Processamento de Dados (CPD) instalado em Osasco, treze centros regionais e cento e vinte e oito sub-centros (Fig. 4).

Doravante, a rede permite a descentralização das operações das contas-correntes, das cadernetas de poupança e dos cartões de crédito - as informações são tratadas e estocadas nos centros regionais; elas não são mais transmitidas ao CPD. Em compensação, os cadastros dos clientes e as operações de crédito permanecem centralizados em Osasco. A implantação, em 1988, de um segundo CPD em Alphaville, distante apenas vinte quilômetros de Osasco, responde a normas de segurança. Segundo a direção do banco: "a criação de um segundo CPD é uma medida de precaução, tanto em termos técnicos, quanto em termos humanos - em Osasco e Alphaville dominam dois sindicatos diferentes"⁵.

A informatização do banco traz economias de tempo que atingem, seja o trabalho interno das agências, seja a circulação das informações entre as agências e a sede (em particular, os movimentos de listagens pouco a pouco diminuem).

A figura 5 apresenta um BRADESCO que, desde um nóculo aglutinador constituído pelo Estado de São Paulo, norte do Paraná, sul de Minas Gerais e a aglomeração do Rio de

Janeiro, projeta seus tentáculos por todo o território, até os seus limites extremos. No entanto, a proliferação das agências não deve ocultar sua heterogeneidade: seu peso e suas funções variam consideravelmente. No Nordeste, isto é numa região onde a malha de municípios é muito densa, as numerosas agências têm essencialmente o papel de coletar pequenas poupanças das empresas locais. Ao contrário, nas zonas de expansão agrícola e mineral (Mato Grosso, Pará, norte de Goiás e sul da Bahia), as agências constituem uma verdadeira antena dos grupos econômicos controlados pelo banco.

O BRADESCO torna-se a cabeça de uma poderosa organização econômica, com interesses nos setores agro-pecuário, mineral, comercial, hoteleiro, turístico e eletrônico. Além disso, o BRADESCO multiplica sua participação nos setores das indústrias têxtil, mecânica, siderúrgica, química e farmacêutica.

A reforma financeira, fruto de uma vontade de fortalecer e de articular os diferentes setores econômicos, beneficiou essencialmente aos bancos - esses últimos foram, desde então, um elemento chave no processo de integração territorial. O capital financeiro associado ao capital industrial e comercial exerce, finalmente, controle do processo global de acumulação⁶.

Na valorização diferencial do espaço, o capital financeiro tira proveito de sua flexibilidade e de sua rapidez. Assim, numa espécie de 'visão caleidoscópica', modelos espaciais se sucedem de forma rápida e móvel. Esse movimento é, ao mesmo tempo, motor e consequência do progresso das técnicas de informação e de comunicação, progresso que permite ao capital financeiro brasileiro estar diretamente ligado a todos os centros financeiros internacionais.



Fig. 1: Localização das agências do BRADESCO, 1951.

Fonte: BRADESCO, Relatório anual 1951.



Fig. 2: Localização das agências do BRADESCO, 1960.

Fonte: BRADESCO, Relatório anual 1960.

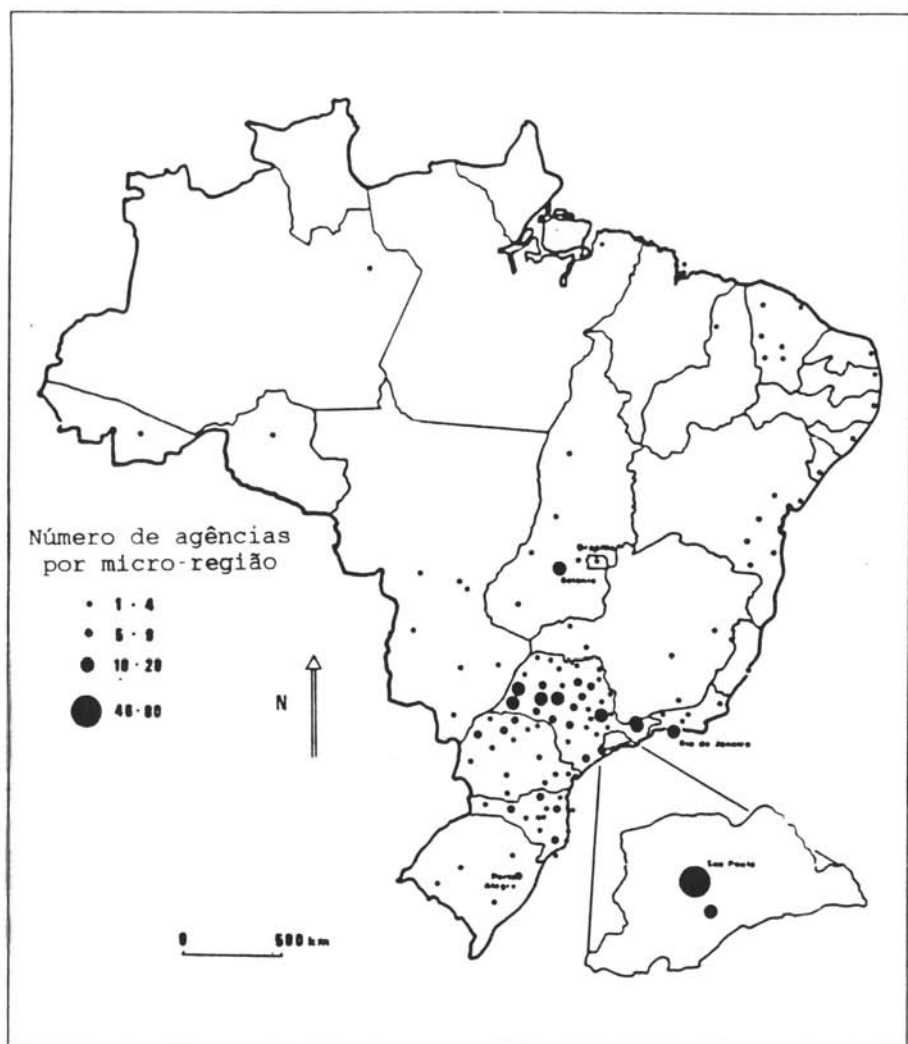
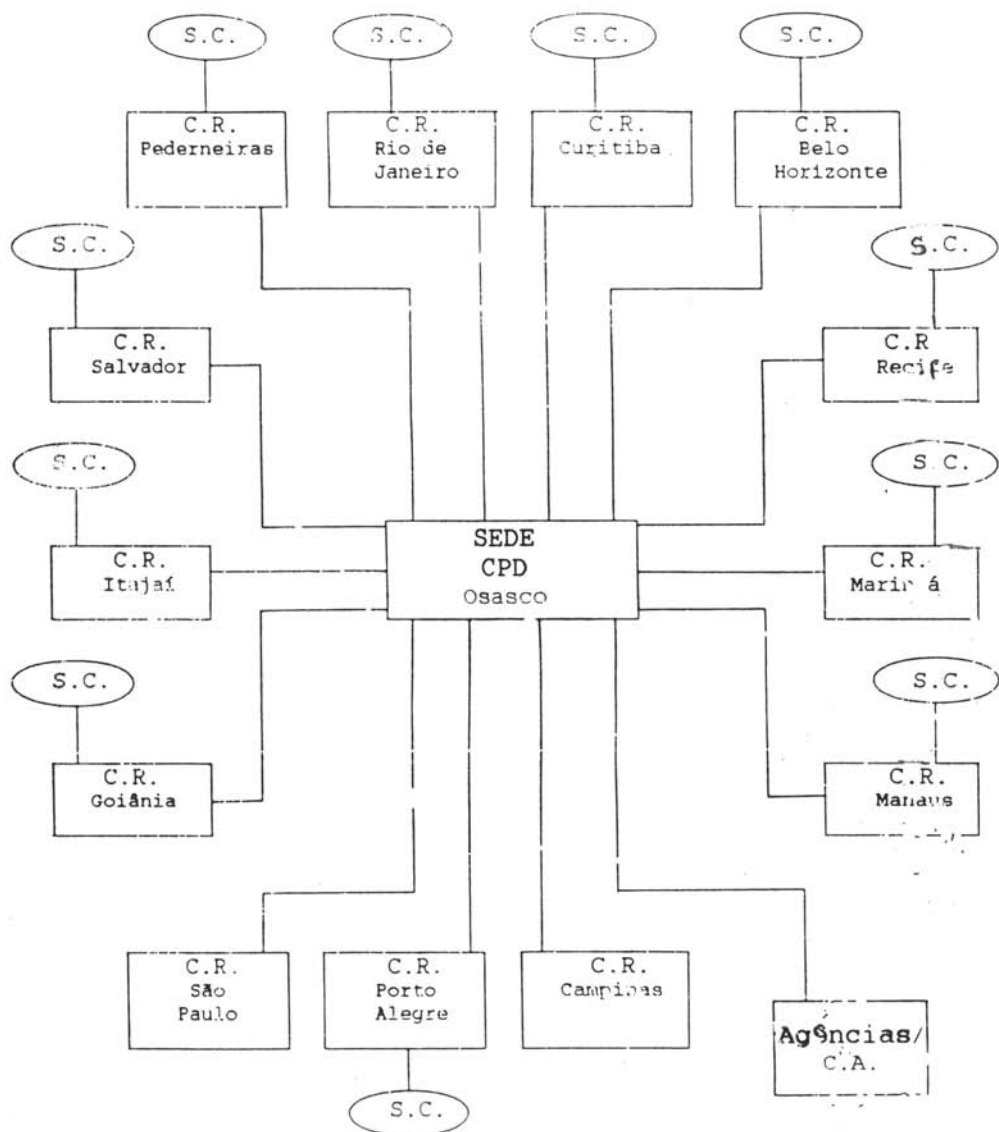


Fig. 3: Localização das agências do BRADESCO, 1972.

Fonte: BRADESCO, Relatório anual 1972.

Fig. 4: A rede teleinformática do BRADESCO, 1987



C.P.D.: Centro de Processamento de Dados

C.A.: Caixa Automática

C.R.: Centro Regional

S.C.: Sub-centro (128)

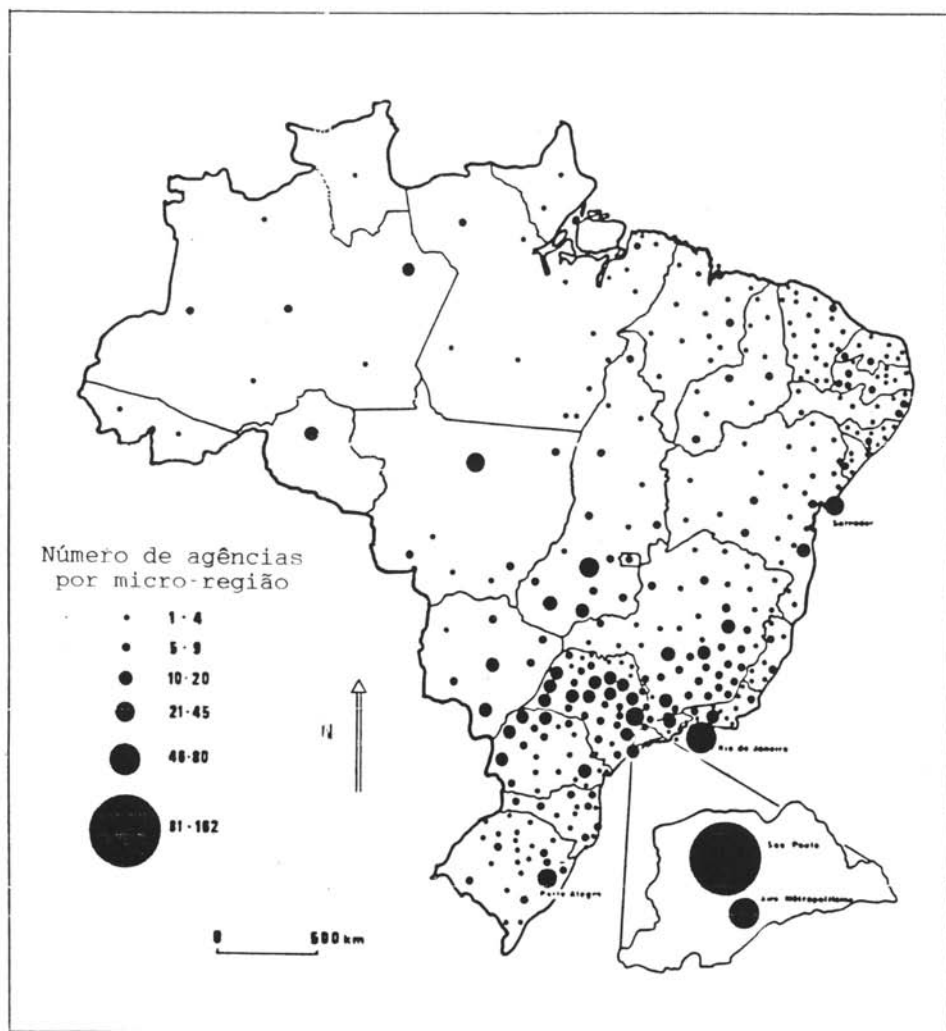


Fig. 5: Localização das agências do BRADESCO, 1986.

Fonte: Banco Central do Brasil, 1986.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) O Banco se edificou sobre as ruínas da 'Casa Bancária Almeida'. O Banco Brasileiro de Descontos S.A. era de tamanho tão modesto que foi logo apelidado de 'Banco Brasileiro de Dez Contos, Se Há?'
- (2) O critério de classificação das agências era a relação entre o volume médio de depósitos e o salário mínimo mais elevado (um salário mínimo era calculado para cada região). A primeira categoria regrupa as agências para as quais a relação é pelo menos igual à 32.000. Na quinta categoria, dita pioneira, se encontram as agências isoladas, aquelas únicas a operar na sua localidade. N. da S. MARQUES, A concentração bancária brasileira no período pós-64, Tese de Doutorado, USP, 1982, p. 49.
- (3) J. MARTINEZ, Automação bancária, uma questão de tempo, Revista Dados e Idéias, ano 5, nº 1, 1980, p. 14.
- (4) Primeiro usuário da rede TRANSDATA, o BRADESCO é também o primeiro usuário de serviços de telecomunicações no Brasil; em junho de 1989 ele era responsável por 9,4% das receitas da EMBRATEL.
- (5) No seu estudo sobre os bancos franceses, J. LOJKINE mostra o peso do fator 'pane humana' (movimentos de greve) na opção do Crédit Lyonnais em favor de uma pluralidade de centros de processamento. Stratégies des grandes entreprises et politiques urbaines: les cas des banques et assurances, Centre d'Etude des Mouvements Sociaux, 1976, p. 59.
- (6) M. da C. TAVARES, Da substituição de importações ao capitalismo financeiro, Zahar, 1983, p. 216.